

PSICOMETRIA

Entenda como ocorre a faculdade de ler impressões e recordações ao ter contato com objetos comuns.

Por Érika Silveira

O termo psicometria foi criado em 1849 pelo médico norte-americano J. Rhodes Buchanan. Ele pesquisou e realizou durante anos consecutivos uma série de experiências, mas somente depois de algum tempo estudando os efeitos do fluido magnético com pacientes sonâmbulos, que realmente chegou a conclusões precisas. Seu método de estudo consistia em apresentar a estes pacientes objetos pertencentes ao presente ou passado de uma pessoa. Os sonâmbulos passavam a descrever cenas relativas às épocas de existência do objeto e até mesmo o próprio caráter da pessoa a quem pertencia o objeto psicometrado.

Desde então, foram realizados diversos estudos e publicados livros a respeito do fenômeno. Dentro da visão espírita existem muitas obras e autores que abordam o tema, mas há alguns que se destacam.

Na definição do livro *Nos domínios da mediunidade* de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, psicometria significa registro, apreciação de atividade intelectual. Entretanto, nos trabalhos mediúnicos, esta palavra designa a faculdade de ler impressões e recordações ao contato com objetos comuns. Áulus relata que o pensamento espalha suas próprias emanções em toda parte a que se projeta, deixando vestígios espirituais onde são arremessados os raios da mente. Como o animal, que deixa no próprio rastro o odor que lhe é característico, tornando-se, por esse motivo, facilmente abordável pela sensibilidade olfativa do cão.

O orientador prossegue dizendo que as marcas da individualidade de cada um vibram onde se vive e por elas provocam o bem ou o mal naqueles que entram em contato.

A obra *Mecanismos da Mediunidade*, psicografada por Chico Xavier e Waldo Vieira, também ditada pelo espírito André Luiz, esclarece que a psicometria é a faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ler impressões e lembranças ao contato de objetos e documentos. Cita ainda a importância da harmonização entre encarnados e desencarnados neste tipo de trabalho, caso contrário pode-se anular a possibilidade de êxito, fugindo verdadeiros propósitos.

Acrescenta também que pode ser usada em casos de desaparecimento de uma pessoa que não deixou pistas. Por intermédio de um objeto pertence à vítima, o médium consegue captar a personalidade e fisionomia do proprietário e reporta-se ao seu desaparecimento, podendo até mesmo descobrir seu desencarne e o local onde seu corpo se encontra. Isso porque os objetos adquirem um fluido pessoal humano.

AS PESQUISAS DE ERNESTO BOZZANO

Outro importante pesquisador do assunto foi Ernesto Bozzano, estudioso profundo do psiquismo humano, filósofo e grande pensador. No livro *Enigmas da Psicometria*, de sua autoria, Bozzano aborda experiências e análises sobre diversos casos que utilizaram a psicometria como recurso. Define que a

psicometria é uma das modalidades da clarividência e que os objetos servem para fornecer pistas ao psicômetra, sendo que os resultados são alcançados pelas faculdades clarividentes e telepáticas do médium, ultrapassando os limites da matéria e do tempo. Diz ainda que os fluidos humanos são absorvidos pelo objeto, tornando-se agentes evocadores das impressões psicométricas. Por isso, quando o objeto pertenceu a mais de uma pessoa pode até causar erros de orientação.

E conclui, dizendo: "Na base das percepções psicométricas, encontra-se constantemente um fenômeno de 'relação', estabelecido entre o sensitivo e as pessoas vivas ou mortas, ou então, com seres animais, organismos vegetais e estados da matéria, em relação com o objeto psicometrado. Graças a essa 'relação', o sensitivo extrai as suas percepções telepaticamente de pessoas vivas ou mortas, fluidicamente ligadas ao objeto.

Ordinariamente, a faculdade psicométrica é uma função do Eu integral, subconsciente e, algumas vezes, direcionada por entidades desencarnadas. Essas imagens correspondem, na maior parte, a acontecimentos reais, mas também podem ser, eventualmente, de natureza simbólica, colimando uma informação".

Casos reproduzidos do livro Enigmas da Psicometria: "Light" (1914, pág.32).

"Um indivíduo mandou da Índia uma caneta de madeira, acrescentando que ela pertencera a um filho dele, já falecido.

O sensitivo, Sr. Roberto King, ignorando absolutamente a proveniência do objeto, tornou-o e começou logo a descrever uma criança, cujo retrato esboçou minuciosamente.

A seguir, o espírito da criança transmitiu-lhe lacônica mensagem destinada ao consulente que, acrescenta o Sr. King, está intimamente ligado ao falecido.

Depois, diz o sensitivo: "Sinto-me empolgado por uma influência singular e ouço nitidamente uma voz que repete e insiste numa palavra cuja transcrição fônica é - Shanti!.

A mensagem foi encaminhada para a Índia e o pai do menino não demorou a responder, gratíssimo, confessando não lhe restar dúvida alguma sobre a autenticidade da comunicação; primeiro, porque ele era, efetivamente, uma criança; e, segundo, porque a descrição feita pelo médium era expressão maravilhosa da verdade.

Finalmente a palavra "Shanti", que quer dizer: - a paz seja contigo-, era a saudação habitual que o filho lhe dirigia, quando vivo, todas as manhãs". Análise de Bozzano:

Neste caso, a circunstância teoricamente importante afirma-se no último incidente, ou seja, a audição de um vocábulo que o médium traduz foneticamente, vocábulo este que se verifica, posteriormente corresponder à saudação que o filho costumava dirigir ao pai.

É um incidente que realiza excelente prova de identificação espírita. Sem dúvida, poderíamos objetar que a relação psicométrica se estabelecesse entre o médium em Londres e o consulente na Índia e que, por conseguinte, houvesse aquele se apropriado, na consciência deste, das suas indicações.

Ora, uma dessas regras nos ensina que, quando o sensitivo entra em relação com o possuidor do objeto psicometrado, começa por descrever o indivíduo, inclusive o meio em que ele se encontrava.

E, quando o objeto foi utilizado por diversas pessoas, o sensitivo percebe entre as diferentes influências aquela que, em virtude da lei de afinidade, se lhe torna mais ativa, enquanto ignora as outras, ou apenas recebe delas impressões secundárias, passíveis de errôneas confusões.

Lógico, ao contrário, é dizer-se que o objeto, por saturado da "influência" do filho, determinou a relação psicométrica do sensitivo com o desencarnado, o que de resto ressalta dos fatos, com a descrição mediúnica do filho e não do pai.

Psicometria premonitória: (Boletim da Sociedade de Estudos Psíquicos de Nancy - Novembro de 1904)
"Entreguei ao sensitivo Phaneg uma jóia que constantemente trazia comigo, de há muitos anos.

Logo que a teve em mãos, começou ele a descrever o castelo da Duquesa de Uzés, em Dampierre. Depois, acrescentou: percebo uma senhora morena, acamada numa alcova amarela.

Ao seu lado está um médico que parece inquietar-se muito com o estado da enferma...

Esteve a senhora doente, ultimamente? A minha resposta negativa, Phaneg acabou por dizer: "Neste caso, a enfermidade que eu vi deve ainda reaparecer".

Ora, quinze dias depois, a predição se realizou! Enfermei gravemente, a ponto de inspirar sérios cuidados ao meu médico assistente.

O redator do Boletim assim comenta o caso:

"O Sr. Phaneg viu o clichê da enfermidade sem poder assinalá-lo no passado, quando no futuro da consulente".

Conclusões de Bozzano

"Também poderíamos acrescentar que ele extraiu a informação no subconsciente da senhora, cujo organismo podia achar-se afetado dos sintomas precursores da moléstia que explodiria quinze dias depois".

Contato com desencarnados através da psicometria: ("Light" - 1910, pág. 133)

"Entreguei ao médium uma medalha que pertencera à minha falecida irmã.

Quando Peters a colocou sobre a fronte, pense involuntariamente na falecida e esperava que me falasse dela.

Bem ao contrário, começou por descrever minha mãe, dizendo vê-la a meu lado e exhibir-lhe dois retratos, dos quais fez minuciosa descrição.

Lembrei-me de que alguns anos antes tinha guardado em uma pasta duas fotografias análogas às descritas, mas não me ocorriam detalhes. Fosse por que fosse, notei que a descrição não correspondia absolutamente aos retratos de meus pais, existentes na minha sala de visitas.

Logo que regresssei a casa, procurei as fotografias e verifiquei, surpreso, que o médium as descrever com perfeita exatidão.

Nitidíssima deveria ter sido a sua vidência, pois abrangera os trajés, o penteado, a posição das mãos e minúcias outras de menor relevo, tal, por exemplo, a cortina que serviu de écran para uma das fotografias.

Mais tarde pude compreender o motivo por que o médium não entrou em relação com o espírito de minha irmã.

É que a medalha tinha sido feita de uns brincos que pertenceram à minha mãe, e minha irmã, que tivera a idéia de os mandar fundir e transformar em medalha, nunca usou, depois, esta jóia".

Análise de Bozzano:

"Neste caso, não poderíamos, certamente, excluir a hipótese de haver o médium haurido na subconsciência do consulente os pormenores revelados.

Todavia, a circunstância de ele se propor a entrar em comunicação com a irmã e ignorar que a medalha não continha associações fluídicas com ela, torna mais verossímil a hipótese da "influência" materna contida no objeto, como traço dá ligação psicométrica do médium com a falecida.

E aquele espírito, que exhibia ao médium duas fotografias totalmente esquecidas, demonstra a intenção de provar a sua presença real, de acordo com os desejos do consulente, que procurara médium na esperança de alcançar uma valiosa identificação espírita".

Notas: (Extraído da Revista Cristã de Espiritismo nº 25, páginas 26-28)

PSICÔMETRA

O psicômetra é, em suma, uma espécie de vidente, ou antes um indivíduo que tem acordado, as faculdades e as percepções que um sonâmbulo só possui quando adormecido .

(Alfred Erny. O psiquismo experimental: Estudos dos fenômenos Psíquicos)

PSICOMETRIA

(...) mediunidade segundo a qual o sensitivo, posto em contato com objetos, pessoas ou lugares relacionados com acontecimentos passados, sintoniza-se de tal maneira com o clima psicológico em que esses acontecimentos ocorreram que se torna capaz de descrevê-los com assombrosa precisão. (...)

(Luciano dos Anjos e Herminio C. Miranda. Crônicas de Um e de Outro: De Kennedy ao Homem Artificial)

(...) os fenômenos de "psicometria"(...) consistem em que, se se puser um objeto nas mãos de "sensitivos especiais", eles lhe revelarão a história, ou descreverão a da pessoa que longamente o usou. (...)

(Ernesto Bozzano. Animismo ou Espiritismo: Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?)

(...) possibilidade de estabelecer-se a " relação psíquica" com pessoas distantes, desconhecidas de todos os presentes, mas só sob a condição de apresentar-se ao "sensitivo" um objeto que haja trazido consigo longo tempo o indivíduo distante com que se deseje entrar em comunicação (...)

(Ernesto Bozzano. Animismo ou Espiritismo: Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?)

(...) uma das modalidades da clarividência (...).

As modalidades segundo as quais se estabelece a conexão entre o sensitivo e a pessoa ou meio concernente ao objeto "psicometrado", distinguem, efetivamente, a psicometria das outras formas de clarividência. (...)

Na psicometria, (...) os objetos apresentados ao sensitivo (...) constituem verdadeiros intermediários adequados, que, à falta de condições experimentais favoráveis, servem para estabelecer a relação entre a pessoa ou meio distantes, mercê de uma "influência" real, impregnada no objeto, pelo seu possuidor.

Esta "influência", de conformidade com a hipótese psicométrica, consistiria em tal ou qual propriedade da matéria inanimada para receber e reter, potencialmente, toda espécie de vibrações e emanações físicas, psíquicas e vitais, assim como se dá com a substância cerebral, que tem a propriedade de receber e conservar em latência as vibrações do pensamento.

(Ernesto Bozzano. Os Enigmas da Psicometria: Dos Fenômenos de Telestesia)

(...) Ordinariamente, a faculdade psicométrica é uma função do EU integral subconsciente, posto que se verifique, muitas vezes, com a intervenção de entidades desencarnadas.

(Ernesto Bozzano. Os Enigmas da Psicometria: Dos Fenômenos de Telestesia)

(...) Um pedaço de arma, uma medalha, um fragmento de sarcófago e uma pedra de ruínas evocarão na alma do vidente uma série completa de imagens referentes aos tempos e aos lugares a que pertenceram esses objetos. É o que se chama PISICOMETRIA.

(Léon Denis. O Problema do Ser, do Destino e da Dor: Os Testemunhos, os Fatos, as Leis)

(...) a clarividência é facilitada pelo contato do "sujet" com um objeto qualquer proveniente do ambiente visto, bem como de pessoas com as quais a afinidade deva estabelecer-se (é a psicometria)

(Gustave Geley. O Ser Subconsciente: Ensaio de Síntese Explicativa dos Fenômenos Obscuros de Psicologia Normal e Anormal)

(...) Faculdade que tem algumas pessoas de lerem "impressões e recordações ao contato de objetos comuns".

Psicometria é, também, faculdade mediúnica. Faculdade pela qual o sensitivo, tocando em determinados objetos, entra em relação com pessoas e fatos aos mesmos ligados. (...)

Pela psicometria o médium revela o passado, conhece o presente e desvenda o futuro.

(Martins Peralva. Estudando a Mediunidade)

Lindo e curioso fenômeno mediúnico, que permite ao indivíduo dotado da dita faculdade - ver e ouvir o que foi acontecido ou realizado no local que visita, depois de muitos anos decorridos sobre os mesmos acontecimentos.

(Yvonne A. Pereira. A Tragédia de Santa Maria)

(...) Em boa expressão sinonímica, como o é usada na psicologia experimental, significa "registro, apreciação da atividade intelectual", entretanto, nos trabalhos mediúnicos, esta palavra [psicometria] designa a faculdade de ler impressões e recordações ao contato de objetos comuns.

(Francisco Cândido Xavier. Nos Domínios da Mediunidade)

(...) considerada nos círculos medianímicos por faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ter impressões e lembranças, ao contato de objetos e documentos, nos domínios da sensação a distância (...)

(Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Mecanismos da Mediunidade)

Esta forma especial de vidência se caracteriza pela circunstância de desenvolver-se no campo mediúnico uma série de visões de coisas passadas, desde que seja posto em presença do vidente um objeto qualquer ligado àquelas cenas. Apresentando-se, por exemplo, ao vidente, um pedaço de madeira, poderá ele ver de onde ela proveio, onde foi a madeira cortada, por quem foi trabalhada, de que construção fez parte e tudo o mais que com ela se relacione. (...)

(Edgard Armond. Mediunidade)

Martins Peralva

Segundo a definição do Assistente Àulus, a palavra «psicometria» designa a faculdade que têm algumas pessoas de lerem «impressões e recordações ao contato de objetos comuns».

Psicometria é, também, faculdade mediúnica. Faculdade pela qual o sensitivo, tocando em determinados objetos, entra em relação com pessoas e fatos aos mesmos ligados.

Essa percepção se verifica em vista de tais objetos se acharem impregnados da influência pessoal do seu possuidor.

Toda pessoa, ao penetrar num recinto, deixa aí um pouco de si mesma, da sua personalidade, dos seus sentimentos, das suas virtudes, dos seus defeitos.

A psicometria não é, entretanto, faculdade comum em nossos círculos de atividade, uma vez que só a possuem pessoas dotadas de «aguçada sensibilidade psíquica». E a nossa atual condição espiritual, ainda deficitária, não permite esses admiráveis recursos perceptivos.

Quando tocamos num objeto, imantamo-lo com o fluido que nos é peculiar. E se, além do simples toque ou uso, convertermos inadvertidamente esse objeto, seja um livro, uma caneta, uma jóia ou, em ponto maior, uma casa ou um automóvel em motivo de obsessiva adoração, ampliando, excessivamente, as noções de posse ou propriedade, o volume de energias fluídicas que sobre o mesmo projetamos é de tal maneira acentuado que a nossa própria mente ali ficará impressa.

Em qualquer tempo e lugar, a nossa vida, com méritos e deméritos, desfilará em todas as suas minúcias ante o «radar» do psicômetra.

Há um belo estudo de Ernesto Bozzano intitulado «Enigmas da Psicometria», através de cuja leitura nos defrontamos com impressionantes narrativas, algumas delas abrangendo fases remotas da organização planetária terrestre.

O processo pelo qual é possível, ao psicômetra, entrar em relação com os fatos remotos ou próximos, pode ser explicado de duas maneiras principais, a saber:

- a. Uma parte dos fatos e impressões é retirada da própria aura do objeto;
- b. Outra parte é recolhida da subconsciência do seu possuidor mediante relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium.

Não tem importância que o possuidor esteja encarnado ou desencarnado.

O psicômetra recolherá do seu subconsciente, esteja ele onde estiver, as impressões e sentimentos com que gravou, no objeto, a própria vida. .

Bozzano demonstra que não são, apenas, as pessoas os únicos seres psicometráveis.

Além do elemento humano, temos:

- a. Os animais,
- b. Os vegetais,
- c. Objetos inanimados, metais, etc., etc.

O filósofo italiano menciona, na obra citada, extraordinários fenômenos de psicometria por meio do contato com a pena de um pombo, o galho de uma árvore, um pedaço de carvão ou de barro.

Poder-se-á indagar: E se o objeto psicometrado teve, no curso dos anos, diversos possuidores? Com a vida de qual deles o médium entrará em relação ?

Explica Bozzano, com irresistível lógica, que o médium entrará em relação com os fatos ligados àquele (possuidor) cujo fluido se evidenciar mais ativo em relação com o sensitivo.

A esse aspecto do fenômeno psicométrico, Bozzano denominou de «afinidade eletiva».

Pela psicometria o médium revela o passado, conhece o presente, desvenda o futuro.

No tocante à relação com o passado e o presente, qualquer explicação é desnecessária, uma vez que a alínea «a» nos dá satisfatória resposta : o objeto, móvel ou imóvel, impregnado da influência pessoal do seu dono, conserva-a durante longo tempo e possibilita o recolhimento das impressões.

E quanto ao futuro?

Devemos esperar essa pergunta.

Aos que a formularem, recomendamos a leitura da alínea «b». Outra parte é recolhida da subconsciência do seu possuidor, mediante a relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium.

Essa resposta pede, todavia, um complemento explicativo. Ei-lo:

Toda criatura humana tem o seu Karma, palavra com que designamos a lei de Causa e Efeito, em face do qual, ao reingressarmos «nas correntes da vida física», para novas experiências, trazemos impresso no perispírito - molde do corpo somático - um quadro de inelutáveis provações.

A nossa mente espiritual conhece tais provações e permite que o psicômetra estabeleça relação com essas vicissitudes, prevê-las, anunciá-las e, inclusive, fixar a época em que se verificarão.

Como vemos, não há nisso nenhum mistério. E' como se o sensitivo lesse, na mente do possuidor do objeto, o que lá já está escrito com vistas ao futuro.

Tudo muito simples, claro e lógico.

Nenhum atentado ao bom-senso.

Apesar de os diversos temas mediúnicos nos terem levado, algumas vezes, a certas explicações de natureza por assim dizer «técnica», elucidativas do mecanismo dos fenômenos, não é este, todavia, o objeto fundamental do livro que procuramos escrever, mais com o coração do que com o cérebro.

Desejamos dar aos assuntos mediúnicos feição e finalidade evangélicas.

A nossa intenção é de que este trabalho chegue aos núcleos assistenciais do Espiritismo Cristão por mensagem de cooperação fraterna, de bom ânimo para os desiludidos, de esperança para os que sofrem, de reabilitação para os que rangem os dentes «nas trevas exteriores»...

Assim sendo, compete-nos extrair, das considerações expeditas em torno de tão belo quão admirável tema - Psicometria -, conclusões de ordem moral que fortaleçam o nosso coração para as decisivas e sublimes realizações na direção do Mais Alto.

O conhecimento da psicometria faz-nos pensar, conseqüentemente, nos seguintes imperativos :

- a. Não nos apegarmos, em demasia, aos bens materiais;
- b. Combatemos o egoísmo que assinala a nossa vida, com a conseqüente diminuição das exigências impostas a familiares, amigos e conhecidos.

Em capítulo precedente tivemos ensejo de relacionar o fato daquela senhora que, desencarnada havia muito, «não tinha força» para afastar-se do próprio domicílio, ao qual se sentia presa pelas recordações dos familiares e dos objetos caseiros.

Em «Nos Domínios da Mediunidade», no estudo da psicometria, temos o episódio de uma jovem que, há cerca de 300 anos, acompanha um espelho a ela ofertado por um rapaz em 1700.

Vamos trazer para as nossas páginas parte do relato de André Luiz, a fim de colocarmos o leitor em relação com a ocorrência.

A narrativa é de André Luiz, quando em visita a um museu:

«Avançamos mais além.

Ao lado de extensa galeria, dois cavalheiros e três damas admiravam singular espelho, junto do qual se mantinha uma jovem desencarnada com expressão de grande tristeza.

Uma das senhoras teve palavras elogiosas para a beleza da moldura, e a moça, na feição de sentinela irritada, aproximou-se tateando-lhe os ombros.»

Acrescenta André Luiz que, à medida que os visitantes encarnados se retiravam para outra dependência do museu, a moça, que não percebia a presença dos três desencarnados, mostrou-se «contente com a solidão e passou a contemplar o espelho, sob estranha fascinação».

Com a mente cristalizada naquele objeto, nele polarizou todos os seus sonhos de moça, esperando, tristemente, que da França regressasse o jovem que se foi...

Gravou no espelho a própria vida...

E enquanto pensar no espelho, como síntese de suas esperanças, junto a ele permanecerá.

Exemplo típico de fixação mental.

Relativamente a pessoas, o fenômeno é o mesmo.

Apegando-nos, egoística e desvairadamente, aos que nos são caros ao coração, comemos o risco de a eles nos imantarmos e sobre eles exercermos cruel escravização, consoante vimos no capítulo «Estranha obsessão».

Enquanto os nossos sentimentos afetivos não assinalarem o altruísmo, a elevação, a pureza e o espírito de renúncia peculiares ao discípulo sincero do Evangelho, o nosso caminho será pontilhado das mais desagradáveis surpresas, estejamos na libré da carne ou no Mundo dos Espíritos.

Amar sem idéia de recompensa ; ajudar sem esperar retribuição; pensar nos próprios deveres com esquecimento de pretensos direitos; servir e passar - EIS O ELEVADO PROGRAMA que, realizado na

medida das possibilidades de cada um, constituirá penhor de alegria e paz, felicidade e progresso, neste e no plano espiritual.

Reconhecendo, com toda a sinceridade, a nossa incapacidade de, por agora, executar tal programa, forte demais para a nossa fraqueza, podemos, contudo, esforçar-nos no sentido do gradativo afeiçoamento a ele, considerando a oportuna advertência de Emmanuel:

«Se o clarim cristão já te alcançou os ouvidos, aceita-lhe as claridades sem vacilar.»

Ainda Emmanuel recorda que «as afeições familiares, os laços consangüíneos e as simpatias naturais podem ser manifestações muito santas da alma, quando a criatura se eleva no altar do sentimento superior ; contudo, é razoável que o Espírito não venha a cair sob o peso das inclinações próprias».

«O equilíbrio é a posição ideal.»

«A fraternidade pura é o mais sublime dos sistemas de relações entre as almas.»

Colocando Jesus Cristo no vértice das nossas aspirações, aprenderemos, com o Bem-aventurado Aflito da Crucificação, a amar sem exigências, a servir com alegria, a conservar a liberdade da nossa mente e a paz do nosso coração.

Aceitando-o, efetivamente, como Sol Espiritual que aquece, com o seu Amor, desde o Princípio, a Terra inteira, a ninguém escravizaremos.

E a única escravização a que nos submeteremos será à do dever bem cumprido...

Fonte: Livro Estudando a Mediunidade